Com apoio dos EUA, Israel continua seu projeto fatal de apagar a Palestina | Carta semanal 5 (2023)



Abdel Rahmen al-Mozayen (Palestina), *Jenin*, 2002.

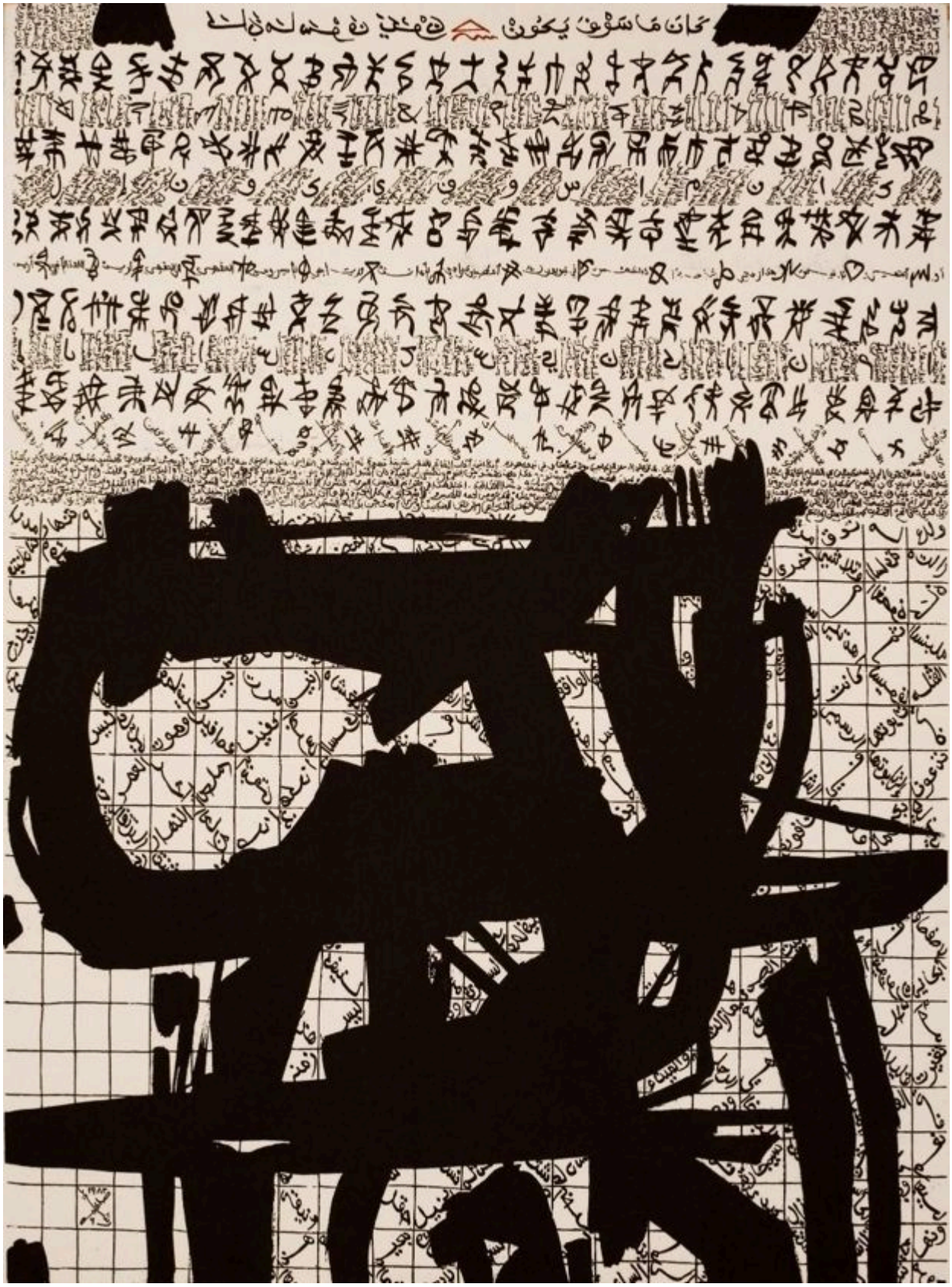
Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Israel chama sua última campanha militar de Operação *Break the Wave* [Quebrar a onda], uma descrição lírica para uma realidade brutal. Este ano será o 75º ano após a Nakba, a catástrofe de 1948, quando as tropas israelenses retiraram ilegalmente os palestinos de suas casas e tentaram apagar a Palestina do mapa. Desde então, os palestinos resistiram, nas condições mais adversas, apesar do enorme apoio dado a Israel pelos países mais poderosos do mundo, liderados pelos Estados Unidos.

A Operação *Break the Wave* começou em fevereiro de 2022 com o assassinato de três palestinos na cidade de Nablus (Adham Mabrouka, Ashraf Mubaslat e Mohammad Dakhil) e continuou violentamente ao longo da Cisjordânia, espalhando-se pela brutalizada Gaza. Em 26 de janeiro de 2023, as forças israelenses mataram dez palestinos – incluindo uma mulher idosa – em Jenin e em al-Ram, ao norte de Jerusalém, e depois **atiraram** contra uma ambulância para impedi-la de socorrer os feridos – um claro crime de guerra. O massacre de Jenin provocou disparos de foguetes das forças de resistência palestinas em Gaza, aos quais a Força Aérea de Israel **respondeu** de forma desproporcional, disparando contra o campo de refugiados densamente povoado de al-Maghazi, no centro de Gaza. O ciclo de violência continuou com um atirador palestino solitário matando sete israelenses na colônia ilegal de Neve Yaakov em Jerusalém Oriental. Em reação a isso, o governo de Israel implementou **sistemas de "punição coletiva"** – uma **violação das Convenções de Genebra** – que permite ao Estado atingir os membros da família do atirador, e o governo de Israel facilitará o **porte de armas de fogo** pelos israelenses.

O governo israelense lançou a Operação *Break the Wave* em resposta ao *habbat sha'biyya* [revoltas populares] que começaram novamente na Palestina e expressam a frustração gerada pelas campanhas de pressão israelenses e o quase colapso da vida econômica. Algumas dessas revoltas ocorreram não apenas na Cisjordânia, Jerusalém Oriental e Gaza, onde são mais comuns, mas entre os palestinos que vivem dentro da Linha Verde de 1948 de Israel. Em maio de 2021, esses manifestantes se reuniram sob o ***Manifesto da Dignidade e Esperança*** e pediram novas agitações, uma "Intifada unida" que une os palestinos no exílio, dentro de Israel e nos Territórios Ocupados. Esses movimentos e os ganhos dos palestinos no sistema das Nações Unidas indicam um novo dinamismo na política palestina. Mais recentemente, em 31 de dezembro de 2022, a Assembleia Geral da ONU votou 87 a 26 para **pedir à Corte Internacional de Justiça** que emitisse uma opinião sobre a "ocupação prolongada, colonização e anexação do território palestino" por Israel. A nova fase da violência israelense contra os palestinos é uma reação às suas conquistas.



Rachid Koraïchi (Argélia) e Hassan Massoudy (Iraque), *A Nation in Exile* [Uma nação em exílio], 1981.

Em meio a tudo isso, o povo israelense votou em Benjamin Netanyahu para formar seu sexto governo desde 1996.

Nos últimos 27 anos, Netanyahu já ocupou o cargo de primeiro-ministro de Israel por mais de 15 anos, e se dirige para outro mandato de sete anos. Seu governo é ferozmente de extrema direita, embora do ponto de vista dos palestinos haja uma continuidade constante na política do Estado sionista, seja o governo liderado pela extrema direita ou por setores menos direitistas. Em 28 de dezembro de 2022, **Netanyahu definiu a missão de seu governo** com clareza: "o povo judeu tem direito exclusivo e inquestionável a todas as áreas da Terra de Israel. O governo promoverá e desenvolverá colônias em todas as partes da Terra de Israel – na Galiléia, Negev, Golã, Judeia e Samaria".

O padrão maximalista de Netanyahu – de que o povo judeu, não apenas o Estado sionista, tem direito à terra entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo – não é algo que apareceu precipitadamente nas declarações desse governo. Está enraizado na **Lei Básica de Israel (2018)**, que diz: "a terra de Israel é a pátria histórica do povo judeu, na qual o Estado de Israel foi estabelecido". Essa manobra legal estabeleceu Israel como a terra do povo judeu, não um território multinacional ou multiétnico. Além disso, toda definição administrativa do "Estado de Israel" afirma seu controle sobre todo o território. Por exemplo, o **Escritório Central de Estatísticas** de Israel tem, pelo menos desde 1967, contabilizado incorretamente qualquer israelense que viva a oeste do rio Jordão, mesmo na Cisjordânia, como israelense, e os mapas oficiais de Israel não mostram nenhuma das divisões internas produzidas pelos **Acordos de Oslo de 1993**.



Mustafa al-Hallaj (Palestina), *The Battle of Al-Karameh* [A batalha de Al-Karameh], 1969.

A política do Estado israelense, enraizada em uma mentalidade de colonização, não deixa espaço para um Estado palestino. Gaza está sufocada, os beduínos em an-Naqab estão sendo despejados, os palestinos em Jerusalém Oriental igualmente e as colônias israelenses ilegais na Cisjordânia estão crescendo como uma praga de gafanhotos. O parceiro governamental de Netanyahu, **Otzma Yehudit** [Força Judaica], está disposto a conduzir o palestinicídio para criar uma sociedade exclusivamente judaica no Levante. A promessa de Oslo, uma solução de dois Estados, simplesmente não é mais factualmente possível, já que o Estado palestino está corroído e contido.

A possibilidade idealista de um Estado binacional – formado por Israel e Palestina com palestinos com plenos direitos de cidadania – é excluída pela insistência sionista de que Israel seja um Estado judeu, uma opção etnocêntrica e antidemocrática que trata os palestinos como residentes de segunda classe em uma sociedade de *apartheid*. Em vez disso, o sionismo é a favor de uma "solução de três Estados", ou seja, expulsar os palestinos para o Egito, Jordânia e Líbano.

Em 2016, os Estados Unidos e Israel assinaram seu terceiro **Memorando de Entendimento** de dez anos sobre ajuda militar, que vai de 2019 a 2028, e sob o qual os EUA prometem fornecer a Israel 38 bilhões de dólares para equipamentos militares. Essa ajuda é incondicional: nada no acordo impede Israel de usar o equipamento para **violar o direito internacional**, **matar cidadãos estadunidenses** (como matou Shireen Abu Akleh, uma repórter) ou **destruir projetos humanitários** financiados pelo governo dos EUA. Em vez de repreender Israel por suas políticas etnocidas, o presidente dos EUA, Joe Biden, deu as **boas-vindas** a Benjamin Netanyahu, seu "amigo de décadas", para ajudar os EUA a enfrentar as ilusórias "ameaças do Irã". Além disso, logo após o governo de Netanyahu aprofundar a Operação *Break the Wave*, os militares dos EUA chegaram a Israel com força para conduzir um exercício militar conjunto chamado *Juniper Oak,* o "maior e mais significativo exercício em que nos engajamos", de acordo com o **secretário de imprensa do Pentágono** e Brigadeiro-General da Força Aérea, Pat Ryder. Apoiado ao máximo pelos EUA e indiferente à condenação de organismos internacionais, o Estado de Israel continua seu projeto fatal de apagar a Palestina.



Malak Mattar (Palestina), *You and I* [Você e eu], 2021.

Maya Abu al-Hayyat, uma poetisa palestina que vive em Jerusalém, escreveu um **belo poema chamado**

“Daydream [Sonhar acordado]”, que se encaixa no ritmo da vida palestina e na geografia definida por pequenas cidades na Cisjordânia. Há crianças brincando, mulheres dançando, vida onde a vida é negada por uma ocupação que dura gerações e gerações, onde os gritos dos ocupados imitam o alto alarme do pássaro solar palestino, uma espécie reconhecida como o pássaro símbolo nacional.

> Vou escrever sobre uma alegria que invade Jenin de seis direções,
> sobre crianças correndo enquanto seguram balões no acampamento Am’ari,
> sobre uma plenitude que acalma bebês amamentados a noite toda em Askar,
> sobre um pequeno mar no qual podemos passear para cima e para baixo em Tulkarem,
> sobre os olhos que fitam os rostos das pessoas em Balata,
> sobre uma mulher dançando
> para as pessoas na fila do posto de controle em Qalandia,
> sobre pontos fechando ferimentos nos rostos de homens rindo em Azzoun,
> sobre você e eu
> enchendo nossos bolsos com conchas e loucura
> e construindo uma cidade.
> Meus bolsos estão cheios de raiva e esperança, uma expectativa de que nossas lutas de solidariedade ao lado do povo palestino prevaleçam, **porque** o “processo de libertação é irresistível e irreversível”.

Cordialmente,

Vijay.